

## Transitando por alguns Movimentos do Pensamento Humano:

### Um movimento do Pensar na Complexidade



Volume 1, Outubro-dezembro de 2005.

Igor Velho de Souza<sup>1</sup>

Humberto Calloni<sup>2</sup>

José Vicente de Freitas<sup>3</sup>

#### Resumo

Pretendo, nesta reflexão, transitar por alguns dos Movimentos que instauram e que são instaurados, assim como, constituem e são constituídos pelo Pensamento Humano. Tenho como “ponto de partida” este ocidentalizado início de século XXI, instaurado/instaurando por grandiosos e históricos impasses sócio-ambientais, onde de maneira destrutiva tencionam a teia da vida. A emergência da Educação Ambiental “paralela” a outros Movimentos de Contestação também constituídos/constituintes com o propósito de se (re)pensar a problemática sócio-ambiental, podem contribuir para pensarmos em “novas” possibilidades de relações sócio-ambientais? Esta é a questão que orienta esta reflexão! Os Movimentos de Contestação nos quais pretendo transitar emergem principalmente da segunda metade do século XX. Pretendo também transitar por Movimentos que acredito serem muito influentes na constituição do contexto que é questionado por estes Movimentos de Contestação. Tento aqui fazer um exercício interpretativo/compreensivo característico da Hermenêutica Filosófica do pensador alemão Hans-George Gadamer, que é entendida como uma exploração filosófica da linguagem. Outra importante contribuição para esta reflexão está no Movimento do Pensamento Complexo, principalmente no pensamento do sociólogo francês Edgar Morin.

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental da Fundação Universidade do Rio Grande. Contato pelo e-mail: ecoigor@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Prof. Dr. do PPGEA-FURG, provocou a produção deste artigo na sua disciplina de Educação Ambiental e Complexidade, no primeiro semestre de 2005

<sup>3</sup> Prof. Dr. do PPGEA-FURG, orientador

À “luz” destes referenciais, tento perceber a possibilidade de ampliação do Horizonte de onde pode emergir “novas” possibilidades para (re)pensarmos as atuais relações sócio-ambientais.

**Palavras-Chave:** Movimentos de Contestação; Educação Ambiental; Hermenêutica; Pensamento Complexo.

### **Abstract**

In this reflection, I intend to transit across some of the Movements that establish and are established as well as constitute and are constituted by Human Thought. I take as the starting point the beginning of the XXI century, very influenced by occidental way of thinking and establishing/established by grandiose and historical social-environmental impasses where the web of life has been stretched out. Can the emergency of the Environmental Education - beside other Contestation Movements also constituted/constituting with the purpose of rethink the social-environmental problem - help us to think about "new" possibilities of social-environmental relationships? This is the question that guides this reflection. The Contestation Movements which I intend to transit on emerge mainly in the second half of the century XX. I also intend to transit on Movements that I believe be very influential in the constitution of the context that is questioned by these Contestation Movements. I Try here to do an interpretative/understanding exercise characteristic of the German thinker's Hans-George Gadamer Philosophical Hermeneutics, which is understood as a philosophical exploration of language. Another important contribution for this reflection is in the Movement of the Complex Thought, mainly in the view of the French sociologist Edgar Morin. Under the "light" of these references, I try to notice the possibility of enlargement of the Horizon from where "new" possibilities for rethinking the current social-environmental relationships can emerge.

**Key-Words:** Contestation Movements; Environmental Education; Hermeneutics; Complexity Thought.

### **Introdução**

O desenvolvimento desta reflexão, para além de ser um grande desafio, tem se tornado um importante exercício de (re)significação quanto às questões sócio-ambientais, nas quais estou imerso. Este processo de reconstrução de significados é intensificado com a minha chegada ao Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental, da Fundação Universidade do Rio Grande (PPGEA-FURG). Na condição de mestrando deste Programa, onde tenho como linha de pesquisa os Fundamentos Filosóficos da Educação Ambiental, é que uma série de novos contatos bibliográficos e pessoais ocorrerem. Numa postura de “abertura ao diálogo”<sup>4</sup> com estes novos contatos emergem transformações no meu *ser*, onde começo a perceber alguns efeitos da ampliação dos horizontes epistêmico, ôntico e gnosiológico, a partir dos quais eu interpreto as ciências, as pesquisas, os mundos.

---

<sup>4</sup> A questão da “abertura ao diálogo” é fundamental para a Hermenêutica Filosófica em Gadamer, esta é uma das questões que orientam esta reflexão, será ampliada e aprofundada no desenvolvimento deste texto.

Percebo que parte daquilo que digo aqui, foi e é muito influenciado pela experiência que tive de Iniciação Científica (IC) no último ano de graduação em Biologia/Licenciatura, na Universidade Luterana do Brasil/Canoas/Rio Grande do Sul (ULBRA/Canoas/RS). Nesta IC tive como orientador o pensador e amigo Mauro Grün, que me apresentou o pensamento do filósofo alemão Hans-George Gadamer, tão influente nas minhas reflexões. Também posso perceber aqui a influência do Pensamento Complexo principalmente no sociólogo francês Edgar Morin, que me foi apresentado pelo pensador e amigo Humberto Calloni. Professor de Complexidade e Educação Ambiental, disciplina do PPGEA, este foi o maior provocador para que esta reflexão fosse escrita.

A Hermenêutica Filosófica em Gadamer e o Pensamento Complexo em Morin são importantes referenciais para esta reflexão, como para a minha vida em toda a sua dinamicidade. Não penso estar limitado a estas referências, visto a minha trajetória de vida, onde fui conhecendo diferentes teóricos, que ainda influenciam neste meu processo circular de (re)significações quanto às pesquisas, às ciências, e aos mundos nas suas interações.

É a partir destas experiências que me enveredo por alguns dos Movimentos que instauram e são instaurados, assim como, constituem e são constituídos pelo pensamento humano. A idéia de instauração deriva da idéia de introdução, processo onde se dá início a algo, a implantação ou instauração de um “novo” olhar. Já a idéia de constituição deriva do pensamento de que diferentes elementos podem no seu conjunto constituir algo, aquilo que compõem a sua base, a sustentação de um “novo” olhar. Este algo pode ser entendido como os diferentes pensamentos constituídos/constituintes em diferentes momentos e espaços, que caracterizam o Movimento do Pensamento Humano. Quando falo em “novo” olhar, este não necessariamente recebe o *status* de novidade ou que surge do nada, mas sim, de algo que seja diferente daquilo que se pensa em dado momento e espaço.

Percebendo a dinamicidade e pluralidade do Pensamento Humano no espaço/tempo, seja para um indivíduo ou na coletividade local ou global, é que a idéia de Movimento transparece. Entendo estes Movimentos do pensar como algo que não se esgota, que não tenha fim.

Acredito estar imerso numa sociedade local/global e ocidentalizada/capitalista, pois independente do tamanho e da administração da cidade por onde tenho transitado; para mim ficam evidentes as suas convergências contextuais. Contexto este, onde qualquer coisa pode virar mercadoria, seja um produto industrializado, seja uma espécie animal viva, onde a exploração e a mais-valia deixam transparecer o desejo pelo poder, seja o de um indivíduo, seja o de uma corporação. Percebo que este desejo atropela a própria vida, sinal de uma sociedade capitalista que vive num ritmo de produção e consumo que o planeta não suporta. Alguns dos resultados que percebo nesta lógica de sociedade, é a luta de humanos contra

humanos, seja para ter acesso a um mercado, seja pelo acesso a recursos naturais, questões que muitas vezes surgem sob o falso pretexto de ser uma ajuda à sociedade, ou para o bem do planeta.

Pensando no atual e problemático contexto sócio-ambiental, e tendo principalmente como fundamentação o Pensamento Complexo e a Hermenêutica Filosófica, é que me enveredo nesta jornada por alguns dos Movimentos do Pensamento Humano.

Inicio por alguns Movimentos que considero influenciar e serem influenciados pelo que chamarei de Paradigma Reduccionista. Tentarei aqui contribuir para o entendimento quanto a algumas possibilidades de influência destes Movimentos nos nossos modos de agir na/com as sociedades, assim como nas relações destas com/no mundo.

A reflexão prossegue, transitando por alguns dos “novos”<sup>5</sup> Movimentos do Pensamento Humano, que sinalizam uma “nova” maneira de entendimento e relacionamento dos/entre os humanos, e destes com/no Planeta Terra. Movimentos que dialogam com diferentes campos do conhecimento humano, não os sobrepondo, mas dialogando de maneira crítica e reflexiva, tendo como prisma a sustentabilidade sócio-ambiental.

Penso que estes Movimentos além de contribuir para pensarmos uma “Nova” Ciência, que leve em consideração a complexidade das relações sócio-ambientais, estes possam contribuir para a instauração de um “Novo” Paradigma o Paradigma da Complexidade.

### **“Iniciando a Caminhada”**

Independente de alguns Movimentos terem maior ou menor expressão na história da humanidade, entendo que são nas reflexões feitas e a fazer sobre e por estes Movimentos, que o diferente daquilo que ocorre num dado momento e espaço, pode ser pensado. Alguns Movimentos influenciaram e ainda influenciam nas maneiras como nós humanos entendemos e interagimos com outros humanos e com o Planeta. Neste sentido percebo a necessidade de que haja a reflexão quanto às reflexões feitas por estes diferentes Movimentos.

Penso que estes processos reflexivos possam contribuir para problematizarmos as maneiras como nós humanos nos percebemos neste e com este Planeta. Esta é a proposta deste pequeno artigo, onde procuro pensar quanto aos paradigmas que instituíram e que foram instituídas por esta sociedade humana que chega ao século XXI imersa naquilo que muitos autores hoje denominam de crise sócio-ambiental.

---

<sup>5</sup> Sempre que me refiro a alguma novidade, não necessariamente estou desconsiderando os conhecimentos e posturas que antecederam estas novidades, penso que a constituição dos significados possuam contexto, pré-conceitos e interação. As aspas surgem para alertar quanto a estas questões.

Não tenho a intenção de bipolarizar o Pensamento Humano em dois paradigmas, assim como não tenho a possibilidade de fazer um estado da arte do Pensamento Humano, mas como já foi dito anteriormente, é destaque neste exercício inicial o seu caráter pedagógico, que faz parte dos processos de (re)significação daquilo que entendo como ciências, pesquisas e mundos.

### **Alguns dos Movimentos que contribuem para o Paradigma Reducionista e algumas das suas conseqüências**

Embora compreenda que existam inúmeros processos importantes com relação ao Pensamento Humano ao longo da sua caminhada neste planeta, para esta reflexão foram feitas algumas opções por recortes, visto as minhas limitações neste exercício inicial de tentar compreender os movimentos constituídos e que constituem a humanidade.

Início esta caminhada com o Movimento Racionalista, constituído/constituente por/de pensadores que defendem o pensamento lógico como a via possível de se chegar a uma verdade da natureza dos objetos (das coisas do mundo). Este Movimento tem como importante personagem o pensador francês René Descartes (1596-1650), que em 1619 já procurava por um centro de referência através da qual fosse possível chegar a uma verdade, ele então propõem a sua própria razão como este centro. Para conferir a tão pretendida unidade, a razão, Descartes procura por algo a qual a razão possa se impor, tornando-se assim autônoma. Este algo é o mundo, a natureza, que se torna então objeto da razão. Nesta tentativa de se ter o domínio das coisas do mundo, é que se reforça a idéia de método, existe uma tentativa de se alcançar à verdade através de procedimentos. Recorria-se para isso à fragmentação de um fenômeno ou processo para então entender as suas partes e conseqüentemente entender o todo. Esta fragmentação possibilitou uma ampla mecanização das coisas do mundo, contribuiu para grandes avanços no desenvolvimento de tecnologias, existe aqui uma significativa mudança quanto à idéia de Sujeito (Indivíduo) e de Natureza (Mundo).

“As transformações radicais da idéia de natureza, ocorridas nos séculos XVI e XVII, com a mudança do paradigma organísmico para o mecanicista, vão redefinir o lugar ocupado pelos seres humanos no mundo.” (Grün 2003, p. 28)

Esta transição a que se refere Grün, envolve uma série de pensadores, na sua obra “Ética e Educação Ambiental: a conexão necessária”, este autor traz o nome de Galileu (1564-1642), Francis Bacon (1561-1626), Descartes (1596-1650) e Newton (1642-1727) como grandes influentes para esta mudança paradigmática. Este pensamento (racional, mecânico, objetivista e reducionista) conquista muitos sujeitos, instaurando uma “nova” forma de ver e

se relacionar em sociedade e com o Planeta. Neste pensamento, o Objeto pode ser referido de diferentes maneiras, pois o mesmo está subordinado ao Sujeito, aquele que fundamenta a sua representação, ou seja, o sujeito define os procedimentos operacionais para representar, ou melhor, dominar o Objeto. Estas questões me parecem marcar este Movimento Racionalista do Pensamento, e que ainda influencia a ciência como um todo neste início de século XXI.

O Racionalismo avança com o Movimento Iluminista no século XVIII em meio a Burguesia da Europa. Acumulando riquezas e adquirindo crescente liberdade e poder, esta Burguesia passa a dominar sócio-política e economicamente as outras classes. É neste Movimento que os sujeitos detentores de poder fazem valer da sua posição de superioridade (hierarquia social) para utilização do conhecimento racionalista que estava em rápida expansão. Creio que aqui fica evidente a máxima “conhecer é poder”, na qual a Burguesia detentora deste conhecer, dita o seu modelo de sociedade e que ainda hoje se apresenta enraizada, que com as suas particularidades chamamos hoje de modelo capitalista.

“A problemática ambiental, mais que uma crise ecológica, é um questionamento do pensamento e do entendimento, da ontologia e da epistemologia com as quais a civilização ocidental compreendeu o ser, os entes e as coisas; da ciência e da razão tecnológica com as quais a natureza foi dominada e o mundo moderno economizado” (Leff 2003, p. 19)

Acredito que estes Movimentos apresentados até aqui, influenciam de maneira significativa para a instauração do Paradigma Reducionista. Paradigma que continua a referenciar muitas das atitudes políticas, econômicas, culturais, enfim, influenciam de maneira bastante nociva a complexa teia das relações sócio-ambientais, a teia da vida.

O tempo é um bom exemplo para ilustrar este Paradigma Reducionista. Com a construção do relógio o ser humano cria uma nova noção de tempo e de Natureza, que agora é vista e entendida como um relógio, como uma máquina. A lógica do tempo não é só alterada, como é compromissada com a produção, e se a produção é transformada em dinheiro, logo “tempo é dinheiro” (Lógica do Tio Sam). Falo aqui dos norte-americanos por ser uma das nações que leva esta lógica ao pé da letra, pois além de explorar a sua mão de obra, estes procuram inserir-se em países ditos emergentes para, por exemplo, colocar suas indústrias pesadas (poluidoras), dispondo de mão-de-obra barata e de muitos incentivos fiscais. Já os países emergentes, aqueles que possuem mercado para seus produtos, aceitam tal absurdo (industrialização poluidora e exploradora) em troca de um “desenvolvimento” que agora tenta ser mascarado de “sustentável”.

Alertando para a necessidade da tomada de uma atitude intelectual radical frente à violência destes atentados à sociedade e ao planeta, guiados pelo terrorismo de grupos e pelo terrorismo de Estado, Valdo Barcelos (2004) dá ênfase à postura norte-americana frente às outras nações:

“Vivemos, no mundo hoje, um paradoxo quanto às relações entre as nações. Enquanto, por um lado, acontece um movimento de busca de diálogo, de formação de alianças entre várias nações, com o objetivo de construir pactos planetários de cooperação, por outro assistimos a uma postura arrogante dos Estados Unidos da América (EUA) que se comporta como se fosse o único Estado-nação legitimamente constituído do Planeta Terra. Tanto esta é uma realidade, que considera assunto seu o que acontece no interior de outras nações.” (Barcelos 2004, p. 9)

Percebo que estas reflexões ainda pouco influenciam nas tomadas de decisão pelos poderosos chefes de Estado. Tão grave quanto esta situação, acredito ser o fato de que este diálogo ainda não ocorra entre a grande maioria dos sujeitos que compõem a sociedade deste Planeta. A crítica que faço é a este modelo falido de Estado, ou melhor, que levará à falência não só do seu Estado, como do Planeta num todo. Proponho aqui uma pausa para a reflexão quanto a este atual Paradigma Reducionista que contribui para o fim da vida neste Planeta.

A próxima abordagem que segue nesta reflexão diz respeito à instauração de um “Novo” Paradigma, que penso emergir de diferentes Movimentos de Contestação a este atual modelo ocidentalizado e capitalista de Mundo.

### **Alguns Movimentos que contribuem para o Paradigma da Complexidade e algumas das suas conseqüências**

Quando falo em “Novo” Paradigma, este não se traduz num conceito de novidade, mas sim de algo que seja diferente do atual paradigma. Muitas já foram às reflexões nesta perspectiva, onde se procura pela compreensão e não a dominação das coisas que compõem este Planeta.

Pensando de maneira integrada, no diálogo entre o macro e o micro nas suas múltiplas relações de interdependência, considerando as propriedades emergentes, os sistemas de retroalimentação, e o caos, penso que o Pensamento Complexo possa ter contribuições importantes para compreendermos as atuais relações sócio-ambientais. Podemos encontrar traços desta postura tanto no pensamento Ocidental quanto no Oriental. Em Edgar Morin (2000) é mencionado o Oriente com o pensamento de Lao-tsé baseado na relação dialógica entre o *yin* e o *yang*, que caracterizam a realidade nas suas relações complementares e antagônicas. Já

para o Ocidente, Morin fala de Heráclito, onde percebeu que para se afirmar uma realidade tinha-se que associar em conjunto os termos contraditórios. Nesta referência, muitas são as reflexões que o autor faz ao Paradigma da Complexidade. Este também pensa na necessidade da substituição do atual Paradigma Reducionista, assim como analisa os Movimentos que constituem o Pensamento Complexo e que contribuem para a proposta de um “Novo” Paradigma.

“O pensamento complexo é, portanto, essencialmente um pensamento que trata com a incerteza e que é capaz de conceber a organização. É o pensamento apto a reunir, contextualizar, globalizar, mas ao mesmo tempo reconhecer o singular, o individual, o concreto... O modo complexo de pensar não tem somente a sua utilidade para os problemas organizacionais, sociais e políticos. O pensamento que afronta a certeza pode esclarecer as estratégias do nosso mundo incerto. O pensamento que une pode esclarecer uma ética da reunião e da solidariedade...”  
(Morin 2000, p. 213)

Outras referências de Movimentos que contrapõem o atual modelo de desenvolvimento da sociedade, e que a meu ver possuem elementos do Pensamento Complexo, estão presentes nos Movimentos da Ecolibertação. Como referência para apresentar alguns destes Movimentos dialogarei com Lopez Velasco (2003) nas suas reflexões feitas na parte II de seu livro “Ética para o Século XXI: rumo ao ecomunitarismo”. Neste sentido, farei algumas citações indiretas quanto aos autores que serviram de referência para este autor.

Inicio apresentando a proposta do Biorregionalismo (Velasco 2003, p.93-94), que está presente em várias tendências do Movimento da Ecolibertação. Segundo Fabio Giovani, o biorregionalismo está comprometido com um viver, que se dê, de acordo com as características da região e de maneira sustentável, procurando sempre minimizar os danos ambientais. Este seria organizado através de um sistema democrático participativo com o núcleo político na bio-região.

Outros Movimentos interessantes são o da Ecologia Profunda e o do Biocentrismo de Esquerda (Velasco 2003, p.95-103). Arne Naess e Deval & Sessions resumem a Ecologia Profunda como sendo um movimento de respeito à vida. A vida tem valor em si, e somente para satisfazer nossas necessidades é que podemos interferir nesta que hoje se encontra ameaçada. São necessárias mudanças ideológicas, políticas, econômicas, tecnológicas que sejam propostas e defendidas por aqueles que acreditam nestes valores. Orton caracteriza o Biocentrismo de Esquerda como sendo um enfoque de esquerda antiindustrial e anticapitalista, mas não necessariamente socialista. Este movimento se opõe ao crescimento



econômico e ao consumismo. Propõem que a sociedade humana viva dentro dos limites ecológicos permitindo assim que as outras formas de vida floresçam.

Seguindo com os Movimentos da Ecolibertação, Lopez Velasco aborda o Ecofeminismo (Velasco 2003, p. 103-110). Este Movimento surge por volta da década de 70 em Paris e de maneira independente pelo mundo. Para Ariel Salleh este Movimento contesta as culturas patriarcais onde os homens acham ter o direito de explorar a natureza do mesmo modo que exploram as mulheres. Lori Ann Thrupp evidencia a tendência liberal, a radical e a socialista do ecofeminismo. Na tendência radical existe a idéia de liberar a mulher e a natureza. Questão também presente na tendência liberal, mas àquela é creditada uma ação política direta. Tem como destaque do ecofeminismo a socialista, cuja base está na análise do patriarcado capitalista, uma visão que incorpora a tendência radical, mas difere-se por compreender tanto a natureza quanto a natureza humana como construções históricas e sociais. Thrupp coloca Vandana Shiva, importante autora que desenvolveu trabalhos com Maria Mies, dentro desta última corrente.

O Movimento Ecosocialista (Velasco 2003, p.110-117) tem James O'Connor (principal animador da revista *Capitalism, Nature, Socialism*) como seu principal representante. Este fala da contradição existente entre forças produtivas e as relações de produção, de um lado, e as condições de produção do outro. Denominado de marxismo com preocupação verde por alguns autores, este apregoa a união rubro-verde (unindo o movimento operário e o ecologista) contra o capitalismo. O'Connor recebeu muitas críticas vindas de diferentes vertentes do Movimento da Ecolibertação, fato que decorre das contradições existentes entre a economia e a ecologia em sua teoria.

Por último, e não menos importante, Lopez Velasco aborda o Ecologismo Popular, ou Ecologismo dos Pobres, ou ainda Neopopulismo Ecológico (Velasco 2003, p. 117-124). Este Movimento parte das idéias formuladas pelo populismo russo (final do séc. XIX) que pretendia se unir com a crítica marxista do capitalismo. Gonzales e Sevilla apontam seis teses no qual se baseia esta proposta. J. Martinez Alier também dedica boa parte de seu livro a expor as bases teóricas do ecologismo popular que defende um igualitarismo internacionalista. Este autor fez vários estudos na América do Sul e Ásia chegando a algumas conclusões, nas quais chama a atenção, o fato deste afirmar que os pobres do Sul impactam menos o meio ambiente que os ricos do Norte. Ramachandra Guha, nos seus estudos sobre a Índia, fala em esgotamento dos recursos naturais sem a necessária atenção a sua renovação, onde muitas vezes conduziram a conflitos de pobres contra pobres assim como entre os ricos.

Outro pensador que contribui muito para o Pensamento Complexo é o mexicano Enrique Leff, que faz importantes reflexões quanto à complexidade ambiental, das quais

penso emergir importantes contribuições para o campo educativo. Entre tais reflexões destaco a que se refere à aprendizagem da complexidade:

“[...] aprender a aprender a complexidade ambiental implica um processo de “desconstrução” do pensado para pensar o ainda não pensado, para desentranhar o mais entranhável de nossos saberes e para dar curso ao inédito, arriscando-nos a desbaratar nossas últimas certezas e a questionar o edifício da ciência.” (Leff 2003, pág. 23)

Neste campo da educação, um expressivo Movimento mundial é o da Educação Ambiental (EA). Ao longo do seu processo de constituição foram sendo atribuídos diferentes significados. Os Movimentos aqui mencionados influenciaram de alguma forma a fundamentação de diferentes vertentes da EA.

Grandes reuniões internacionais foram importantes para atribuir significado e sentido à EA. Destaco encontros como o Clube de Roma (1968), a Conferência de Estocolmo (1972), a Conferência de Belgrado (1975), a Conferência de Tbilisi (1977), a Conferência de Moscou (1987), a Eco-92 (1992), e a Rio+10 (2002). Não entrarei na reflexão das questões que foram encaminhadas nestes encontros, porém cabe ressaltar que nestes estavam presentes representantes de diferentes nações, refletindo quanto às questões sócio-ambientais deste planeta. Entendo que estes espaços são fundamentais para o diálogo e proposição de alternativas (através de parcerias inter-governamentais) ao modelo de desenvolvimento sócio-ambiental que está referenciado no Paradigma Reducionista.

É sinalizada no Brasil neste começo de século XXI uma fase de intenso crescimento da EA. Fato justificado pelo significativo incremento de trabalhos teóricos e práticos, que estão sendo propostos nesse campo. A percepção e a compreensão dos espaços que ocupamos e estabelecemos relações no nosso dia-a-dia são questões centrais nestes trabalhos. Desta forma, os trabalhos podem ser desenvolvidos nos mais, e para os mais variados espaços onde existam relações sócio-ambientais, ou seja, em todo o planeta. Layrargues (2004), adverte que:

“A diversidade de nomenclaturas hoje anunciadas, retrata um momento da educação ambiental que aponta para a necessidade de se re-significar os sentidos identitários e fundamentais dos diferentes posicionamentos políticos-pedagógicos. Alfabetização Ecológica, Ecopedagogia, Educação Ambiental Crítica, Transformadora ou Emancipatória, Educação no Processo de Gestão Ambiental. O que quer dizer essas novas denominações? Porque elas surgiram? Quais são as semelhanças e diferenças existentes entre elas?” (Layrargues 2004, p. 8)

Percebo que estas sejam algumas questões que surgem frente às muitas vertentes que servem de referência para trabalhos em EA. Porém ainda acredito que sejam muitos os casos onde estas experiências não adquiriram visibilidade, o que dificulta a quem interessar o seu acesso. Com a ampliação do número de encontros (eventos nesta temática), sejam regionais ou globais, foram abertos espaços valiosos para aproximar e dar visibilidade a estas diferentes propostas de trabalhos teóricos e práticos. Estes espaços contribuem de forma significativa para avaliação e melhor compreensão das problemáticas existentes na EA.

Entendo que estes diferentes Movimentos surgem a partir da problematização das situações criadas e criadoras desta sociedade, que se encontra imersa num Paradigma Objetivista-Mecanicista-Reduccionista. Este Paradigma restringe as possibilidades do ser humano se ver e interagir na teia sócio-ambiental. Prevalecem então modelos de relações sócio-ambientais que foram sendo constituídos pela ideologia de poderosos grupos sociais ao longo da história.

Reforço aqui, a importância que atribuo aos Movimentos que questionam esta sociedade que inicia o século XXI, tencionando de maneira destrutiva a teia da vida. Penso que as experiências que surgem a partir dessa reflexão, mesmo de maneira fragmentada e pequena, já orientam práticas em alguns grupos de simpatizantes com a proposta do Movimento em que estão comprometidas. Cito aqui a experiência da Fundação Gaia, que em Minas do Leão/RS possui um sítio, onde os princípios que orientam as suas práticas estão em diferentes Movimentos, como o da Agroecologia, da Permacultura, da Educação Ambiental, entre outros Movimentos. Percebo que seja neste diálogo entre os diferentes Movimentos que emerge o Paradigma da Complexidade.

### **Pensando no Diálogo entre estes Movimentos do Pensamento: um exercício Hermenêutico**

Entendo que muitas afirmações e negações são feitas nestes Movimentos de contraponto ao modelo capitalista. Penso que ambas podem ter uma relevância enorme tanto para o sucesso quanto para o fracasso da sua proposta. Neste sentido entendo que o significado de uma afirmação, sempre é relativo à questão que se responde. Com isto, penso que seja importante refletirmos quanto às perguntas que fazemos! Neste sentido tenho me aproximado da Hermenêutica, e em especial a do pensador alemão Hans – Georg Gadamer:

“a hermenêutica precisa perceber e atravessar o dogmatismo de todo “sentido em si”, ..... Isso não quer dizer que todo intérprete seja especulativo para sua própria consciência, isto é, que possua consciência do dogmatismo implicado na sua própria intenção interpretadora. Ao contrário, trata-se de que toda interpretação é

especulativa em sua própria realização efetiva e acima de sua autoconsciência metodológica. E isso é o que emerge do caráter de linguagem da interpretação. Pois a palavra interpretadora é a palavra do intérprete. Não é a linguagem nem o vocabulário do texto interpretado. Isso expressa que a apropriação não é mera reprodução ou mero relato posterior do texto da tradição, mas é como uma recriação pelo compreender” (Gadamer 1997, p. 610)

A Hermenêutica provém de uma longa tradição humanística, relacionada à interpretação dos textos bíblicos, à jurisprudência e à filologia clássica, trata-se de uma velha questão, que ressurgiu modernamente no contexto da luta contra a pretensão de haver um único caminho de acesso à verdade. Existe uma nítida polarização em relação às questões que estruturam a Hermenêutica Contemporânea. Scheleiermacher e Dilthey propunham uma Hermenêutica como um corpo geral de princípios metodológicos que subjazem a interpretação. Já Heidegger fez suas reflexões em torno de uma Hermenêutica como uma exploração filosófica das características e dos requisitos necessários a toda compreensão. Nesta mesma linha encontra-se o Gadamer.

Venho propor uma abordagem do assunto em questão, a partir de uma ótica que leve em consideração o respeito ao outro, à diferença. Esta característica está muito presente na Hermenêutica Filosófica de Gadamer, que vem contrapor a visão antropocêntrica e objetivista que reduz as possibilidades de compreensão das coisas (Natureza) pelo sujeito. Para este autor, a Hermenêutica se estabelece numa postura onde a “fusão dos horizontes” de compreensão entre os envolvidos no diálogo, pode criar uma situação onde estes “emirjam transformados”.

“Não tem sentido buscar uma relação mais harmoniosa com a natureza se nós não possuímos a mínima boa vontade para compreendê-la como Outro. Se, ao invés disso, nós nos esforçamos sempre para impor um significado, predição ou controle sobre a natureza, nós estaremos entrando em um tipo de conquista e não em um diálogo. A aceitação da outridade da natureza envolve necessariamente um desejo sincero de compreendê-la” (Grün 2003, p. 8)

Para Gadamer a experiência tem a sua realização dialética, não num conhecimento, mas numa abertura à experiência, sendo ela própria liberta pela experiência. Não existem os extremos, algo totalmente concluído, ou totalmente inacabado. Sempre existe uma pergunta a ser feita, ou uma palavra a ser acrescentada. O processo de interpretação parte da experiência que o intérprete tem com o mundo. É neste processo que entendo a importância da Hermenêutica para a reflexão daquilo que é proposto pelos Movimentos de contraponto ao Paradigma Reducionista, a fim de constituir uma nova maneira de entender e interagir com o mundo e suas coisas, um “Novo” Paradigma, o Paradigma da Complexidade.

## **Algumas Considerações**

Acredito que os Movimentos que instauram e que são instaurados pelo Pensamento Complexo, possam contribuir para ampliar a compreensão quanto à complexa teia das relações sócio-ambientais. Para isso, penso que à tentativa de aproximar para o diálogo os diferentes sujeitos que compõem esta teia, seja por demais importante. Entendo que seja desta aproximação para o diálogo, onde possa emergir as decisões que refletirão numa boa ou má qualidade de vida do Planeta e do Ser Humano que nele habita.

Penso que a ampliação do número de diálogos em torno dos Movimentos de Contestação possa contribuir para uma ampliação dos Horizontes Epistemológicos nas diferentes ciências. Como requisito para isso, penso que deva existir por parte dos sujeitos instituintes/instituídos pelas diferentes ciências, uma sensibilidade à abertura ao diálogo. Só assim penso que podemos (re)pensar de maneira profunda as atuais relações sócio-ambientais, para além das relações que não levam em consideração o respeito ao Outro e que destroem sonhos e vidas.

Esta é a proposta deste artigo, provocar o leitor a (re)pensar as atuais relações sócio-ambientais. Para isso são sugeridos alguns referenciais que abordam a questão do diálogo, do Pensamento Complexo, e dos Movimentos Sociais de Contestação. Acredito que esta aproximação possa contribuir para a ampliação de um Horizonte onde possa emergir um “novo” pensar e agir nas e entre as diferentes instituições, sejam públicas ou privadas, sejam nas organizações civis ou no indivíduo. Penso que esta reflexão seja urgente!

## **Referências Bibliográficas**

- BARCELOS, Valdo. Império do Terror – Um Olhar Ecologista. Porto Alegre, RS: Sulina, 2004.
- GADAMER, Hans-Georg. Verdade e Método. 6º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- GRÜN, Mauro. Ética e Educação Ambiental: a conexão necessária. 4º ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001.
- GRÜN, Mauro. A Outridade da Natureza na Educação Ambiental. In: 26a Reunião Anual da ANPED. Poços de Caldas, 2003 / Texto Completo em CD-ROM, 2003.
- LEFF, Enrique. Pensar a Complexidade Ambiental. In: LEFF, Enrique (coord.), A Complexidade Ambiental. São Paulo, SP: Cortez, 2003.
- Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental. LAYRARGUES, Philippe Pomier (coord.), Identidades da Educação Ambiental Brasileira. Brasília, DF: MMA, 2004.
- MORIN, Edgar & LOUIS, Jean. A Inteligência da Complexidade. São Paulo, SP: Peirópolis, 2000.
- VELASCO, Sírio Lopez. Ética para o século XXI – Rumo ao Ecomunitarismo. São Leopoldo/RS: Editora UNISINOS, 2003